



Cadeiras vazias

Público se afasta do Cine Brasília, mas há quem defenda a programação

Um patrimônio da cidade está em debate: o Cine Brasília. A melhor sala da região, com capacidade para 600 espectadores e um corpo de 22 funcionários pagos pela Fundação Cultural do DF, nem sempre recebe público equivalente às suas dimensões. Há quem ache o fato normal — e há quem veja, nele, sintoma de distorções.

A verdade tem dois lados. Alguns entendem que os espaços públicos devam destinar-se às tarefas culturais, sem as dores de cabeça do comércio. Para eles, a cidade já está guarnecida de salas que visam ao lucro e o Cine Brasília tem de estar voltado, mesmo, para as produções menos comprometidas com a bilheteria. Outros prefeririam ver os filmes de poucos adeptos projetados em salas menores. Segundo estes, o Brasília deve pagar as próprias contas, com uma programação de qualidade capaz, também, de gerar bons borderôs.

Tem início a partida. O produtor e programador José Damata, que até há dois meses era o responsável pela agenda do Cine Brasília e agora se ocupa de seu Centro de Cultura Cinematográfica (distribuidora de filmes e ponta-de-lança de projetos de divulgação cultural), diz o que pensa. Damata acha que “nenhum país do mundo faz o que se está fazendo aqui”.

Visão profética — A sala anda “subaproveitada”, diz o programador, apontando para a frequência pouco numerosa (os borderôs recentes estão expostos nesta página). Para ele, um espaço das dimensões do Cine Brasília não pode servir exclusivamente a “cinéfilos e cineclubistas”. Segundo Damata, 200 pessoas num sábado ou domingo constituem uma platéia escassa, dado que a sala comporta três vezes esse número.

“Cabe à Fundação Cultural criar uma linha de contato com os colecionadores”, diz Damata, referindo-se à gente que importa filmes e pode fornecê-los a distribuidores e exibidores locais. Embora isentando de culpas o atual assessor de cinema da FCDF, Marcantônio Guimarães, e direcionando sua crítica à “estrutura pesada, antiga” da entidade, Damata imagina que se devam “buscar lançamentos”, filmes que tenham o dom de lotar a sala sem ferir a sensibilidade dos frequentadores mais exigentes.

“Quem tem de programar os filmes do Brasília é a Fundação, e não as embaixadas”, detona. Os programadores “não podem entregar as datas,

têm de se impor”. Damata queixa-se ainda de que o seu Centro de Cultura Cinematográfica, embora parceiro da FCDF em projetos como o Cinema Voador e o Festival do Gramado (que pretendem levar obras de cinema a ruas e praças do DF), não venha sendo procurado na hora em que Marcantônio Guimarães monta os programas da sala. Damata não gosta das mostras que têm passado naquele cinema, que abrangem filmes egípcios, cubanos, espanhóis, ou seja, pertencentes a cinematografias periféricas: “O cinema egípcio não tem nada a me oferecer”, polemiza. Logo depois, admite que o melhor seria programar um bom filme egípcio, outro cubano ou espanhol, e assim por diante. “A sala tem de dar lucro ou o bispo Macedo vai pegá-la”, prevê. “Esta é uma visão que estou tendo agora”, diz, brincando. Edir Macedo, para quem não lembra, é o líder da Igreja Universal do Reino de Deus e vem transformando salas de cinema em templos evangélicos.

Ociosidade, não — “A Fundação Cultural tem a obrigação de fazer o que vem fazendo”, rebate o assessor de cinema Marcantônio Guimarães. “Deixar de exibir essas mostras seria absurdo”, afirma ele. Guimarães lembra que, além do Brasília, só há uma outra sala do GDF para filmes, a pequena Alberto Nepomuceno, mas equipada para fitas em 16mm (e não 35mm, a bitola comercial). O Cine Brasília, portanto, não é apenas a maior sala do pedaço: é, de certo modo, a única.

Marcantônio Guimarães tem tido a preocupação de “captar tudo o que está pintando”. Ele afasta a idéia de que as embaixadas programem o Brasília. Ao contrário, caça os filmes: procura informar-se sobre o movimento na área e envia correspondências para os pontos de onde podem chegar obras de interesse cultural. “A gente negocia”, diz ele, confirmando que a programação não esteja entregue a outras instituições.

“Não somos tão loucos assim, a ponto de desconhecer os problemas de mercado”, diz o programador. Ele lembra que a Nepomuceno está em atividade com programas como o Curta às Quintas, dedicado a filmes breves. Lembra ainda que as fitas das mostras recentes passaram por seleção e critérios: enquanto um filme ocupava os primeiros horários do dia (das 16 às 22h), a sessão das 22h, apenas, dedicava-se à exibição gratuita de fitas pouco conhecidas do público.

Ele reconhece, no entanto, que a renda, grande ou pequena, que chega à bilheteria do Brasília não fica por ali, mas vai engordar a caixa da Secretaria de Finanças do GDF, fato que faz da direção da sala uma candidata à política do pires na mão, prática de muito prestígio no Brasil das verbas e decisões centralizadas. Platéias de 150 ou 200 pessoas não assustam Marcantônio Guimarães, parecendo-lhe números razoáveis nas cir-

■ AFOGANDO EM NÚMEROS

Cine Brasília.
Borderô(s) de 10/5 a 6/6.
10/05. Estréia de *O Círculo de Fogo*
Inteiras: 42.
Meias: 4.
11/05. Inteiras: 48
Meias: 7.
12/05. Inteiras: 40.
Meias: 12.
13/05. Inteiras: 34.
Meias: 12.
14/05. Inteiras: 56.
Meias: 19.
15/05. Inteiras: 92.
Meias: 21.
16/15. Inteiras: 119.
Meias: 37.

17/05. Estréia de *L'Atalante*.
Inteiras: 25.
Meias: 4.
18/05. Inteiras: 47
Meias: 4.
19/05. Inteiras: 29
Meias: 5
20/05. Inteiras: 65.
Meias: 26.
21/05. Inteiras: 73.
Meias: 26
22/05. Inteiras: 138.
Meias: 37.
23/05. Inteiras: 167.
Meias: 57.

24/05. Não houve borderô.
Abertura da Mostra do Cinema Árabe-Egípcio.
25/05. *A História de uma Santa Sufi*
Inteiras: 50. Meias: 2.
26/05. *L'Atalante* (de 16h às 22h) e Mostra Egípcia de 22h a 0h.
Inteiras: 17. Meias: 2.
27/05. Seguem *L'Atalante* e Mostra Egípcia. Inteiras: 16. Meias: 2.
28/05. Inteiras: 13. Meias: 6.
29/05. Inteiras: 19. Meias: 4.
30/05. Inteiras: 105. Meias: 28.
31/05. Abertura da Mostra do Cinema Espanhol. Sem borderô.
01/06. *Tristana*. Inteiras: 39.
Meias: 5.

02/06. Não há informações.
03/06. Inteiras: 24. Meias: 6.
04/06. Inteiras: 47. Meias: 11.
05/06. Inteiras: 52. Meias: 15.
06/06. Inteiras: 149. Meias: 47.

cunstâncias atuais. Também com relação às cinematografias menos conhecidas, “é preciso criar o hábito de sair de casa”. Guimarães não vê dificuldades, por outro lado, em trabalhar futuramente com o acervo que José Damata conseguiu reunir ao longo de alguns anos — embora ressalve que a sua visão e a de Damata são “opostas”. “Ele também não nos procura”, observa Guimarães.

Divulgação adequada — “Não há sentido algum em transformar o Cine Brasília numa sala comercial”, diz o chefe de gabinete da FCDF, Fernando Adolfo. Ele não cogita em equipar uma sala pequena (como a Alberto Nepomuceno) para os filmes “de cineclubistas”, como diz Damata. A Escola-Parque ocupa-se de teatro infantil por boa parte do ano e tampouco poderia voltar a ser cinema (como já foi, com sucesso, há tempos). O Brasília continua sendo, portanto, o espaço para bons filmes — tenham ou não grande público.

O que pensam os cinéfilos? O jornalista Gustavo Patu garante já ter visto “o Cine Brasília lotar com *Asas do Desejo*, de Wim Wenders. É verdade que se tratava de um filme famoso”. Patu lembra ter assistido a alguns filmes dentro de mostras como as que se exibem agora. Viu trabalhos poloneses, tchecos, russos. “Parece que raspam o tacho e veiculam os filmes sem muito critério”. Seja como for, o jornalista entende que se deva “privilegiar os filmes extramercado. E divulgá-los melhor”.

O professor Wagner Martins pensa diferente de Gustavo. “Os filmes que atingem uma elite têm de ter espaço, sim, mas em sala menor”, opina. Ele cita a Sala Paulo Emílio Sales Gomes, próxima à Secretaria de Finanças, no Setor Bancário Norte, recordando um dia, há dois ou três anos, em que assistiu a um filme, lá, sozinho como Robson Crusoe. De novo, a questão é de hábito: a Cultura Inglesa, diz Wagner, pôde atrair público até que se formasse o costume de visitá-la.

João Antônio, ator, atual decano de Extensão da Universidade de Brasília, faz uma espécie de síntese das diversas opiniões. “Salas comerciais, a cidade já tem”, contabiliza. “É fundamental que a cidade tenha também salas para filmes de arte”. João traça paralelo entre o caso do Cine Brasília e o da UnB: “Só as instituições públicas podem-se dedicar à pesquisa pura, desamarradas do mercado”, constata. Não deve haver, segundo ele, a preocupação de lotar o amplo Cine Brasília, mas “a sala não precisa ficar vazia. Uma programação culta pode atrair grande público”, pondera. É preciso, afinal, descobrir como.

■ Fernando Marques